

A DINÂMICA DO GRUPO E SUAS LEIS¹

Heloisa Junqueira Fleury

O Psicodrama está intimamente ligado ao trabalho com grupos. MORENO, (1993, 1994) a partir de estudos sociométricos, apresentou princípios que regem o funcionamento dos grupos e de seus participantes.

No atendimento de grupos terapêuticos, estes referenciais facilitam ao diretor acompanhar a riqueza da vida do grupo. No entanto, para escolher o caminho mais profícuo para a promoção do desenvolvimento dos participantes, o diretor precisa considerar os elementos necessários para que a experiência grupal favoreça mudanças terapêuticas.

Neste capítulo, retomamos alguns aspectos da teoria de J. L. MORENO, visando facilitar ao diretor um momento muito produtivo para o grupo, que é o da escolha do foco a ser dado na direção.

I. A EVOLUÇÃO DOS GRUPOS

MORENO (1994, p. 36-93) desenvolveu extensas pesquisas sociométricas de organizações espontâneas do ser humano, buscando determinar princípios que regem o funcionamento dos grupos.

Com bebês no primeiro ano de vida, identificou um estágio inicial chamado de *isolamento orgânico*, caracterizado por isolamento total até aproximadamente dois meses de idade, quando o choro de um começou a chamar a atenção dos outros, dando início a um reconhecimento entre eles. O desenvolvimento do grupo de bebês continuou até, entre a 20º e 28º semanas, quando os mais próximos fisicamente começaram a reconhecer-se e a sentir-se atraídos, fazendo com que as inter-relações grupais passassem a ser determinadas pelo grau de proximidade ou distanciamento físico, caracterizando o segundo estágio, chamado de *diferenciação horizontal*. Ao redor das 40º a 42º semanas, os bebês começaram a se locomover, o que ressaltou as diferenças em força física e agilidade mental

¹ Capítulo publicado no livro Almeida WC. (Org.). Grupos: a proposta do Psicodrama.. 1 ed. São Paulo: Agora, 1999.

entre eles, alterando a organização do grupo. Quando alguns centralizaram mais atenção, destacaram-se numa liderança em relação aos outros que se deixaram liderar, enquanto alguns permaneceram isolados. A estrutura grupal passou com estes movimentos de uma tendência horizontal para *diferenciação vertical*.

No desenvolvimento dos grupos de bebês ocorreram então três períodos: isolamento orgânico, diferenciação horizontal e diferenciação vertical. Esta tendência de evolução dos grupos das formas mais simples para outras mais complexas foi chamada de lei sociogenética.

A seguir, com uma população de alunos de ambos os sexos de uma escola pública em Nova York, MORENO utilizou testes sociométricos para pesquisar a evolução dos grupos, anualmente, desde o jardim de infância até a oitava série (dos 4 aos 15 anos). As escolhas podiam ser preferências, rejeições ou indiferenças, referentes a um critério determinado, tendo sido observado um aumento gradual nas escolhas com reciprocidade dos 4 aos 11 anos, passando após esta idade a diminuir. A frequência de crianças isoladas e não escolhidas aumentou entre os 4 e 7 anos, diminuindo gradualmente até os 13 anos e voltando a aumentar após esta idade. Com a evolução dos grupos as escolhas tenderam a maior reciprocidade, aumentando o número de pares, surgindo cadeias e triângulos.

MORENO (1994, p. 187) observou que estas escolhas tendem a se dividir desigualmente, ao que chamou de lei sociodinâmica. Alguns poucos são mais escolhidos, enquanto outros, em número maior, concentram poucas escolhas, permanecendo este efeito mesmo se o grupo é aumentado ou quando o indivíduo muda de grupo. Este status sociométrico constitui um referencial diagnóstico importante da posição do indivíduo em outros grupos, assim como de suas possibilidades de sucesso.

MORENO (1994, p. 180) atribuiu esta tendência, de dupla direção, para o aumento na reciprocidade das escolhas sociométricas ao fator tele, definido como a unidade mais simples de sentimento que se transmite entre os indivíduos. Constitui o fundamento dos relacionamentos saudáveis, sendo assim essencial numa psicoterapia. Desenvolve-se desde o nascimento, havendo porém uma tendência no ser humano em distorcer suas percepções de si mesmo e dos outros, em função de necessidades e fantasias próprias, ao que MORENO utilizou o termo transferência. Por influência da tele e transferência, as escolhas sociométricas determinam uma estrutura interna peculiar de cada grupo, geralmente muito

diferente da externa. Configuram-se as alianças e os subgrupos, que favorecerão a diferenciação vertical do grupo.

O conjunto das escolhas sociométricas feitas e recebidas por um indivíduo, segundo um critério determinado, constitui o seu átomo social, também influenciado pela tele e transferência. Partes destes átomos se ligam a outros e assim sucessivamente formando as redes sociométricas, responsáveis pela transmissão da opinião pública. Nos grupos, estas redes podem cristalizar relações papel e contra papel, dificultando aos participantes buscarem novas posições ou ampliarem suas experiências.

MORENO (1993, p. 68-70) observou que a experiência compartilhada pelos participantes nos grupos provoca o desenvolvimento de vivências comuns inconscientes interligadas, ao que chamou de estados co-conscientes e co-inconscientes. Contribuem para o clima do grupo, na medida em que podem levar ao fechamento ou abertura dos participantes para determinados conteúdos emocionais.

As pesquisas sociométricas confirmaram a lei sociogenética, na medida em que as três tendências de estrutura inicialmente observadas nos agrupamentos de bebês estão presentes em outros grupos, determinando uma evolução grupal de formas mais simples para outras mais complexas.

Ocorrem sobreposições entre estas tendências, como sinais de organizações mais primitivas em estágios mais avançados dos grupos ou indícios de organizações superiores em estágio anterior. As alterações na tendência da organização acontecem apenas quando a observação das diferenças atinge um ponto de saturação nos participantes, provocando a movimentação do grupo para uma estrutura de organização grupal mais avançada.

II. O GRUPO TERAPEUTICO

No início dos grupos terapêuticos, quando os participantes ainda não se conhecem, tendem a ficar cautelosos, aguardando a definição de regras e dos objetivos da experiência a ser vivida. Observam e buscam uma posição confortável. Os momentos de silêncio são vividos com muita ansiedade e são rapidamente preenchidos com temas menos mobilizadores, geralmente pelos que tem maior necessidade de chamar para si a atenção.

Estão isolados tentando um reconhecimento inicial entre si, correspondendo ao estágio de isolamento orgânico.

Gradualmente, iniciam o reconhecimento de si mesmos, atentos ao seu posicionamento em relação aos demais e ao modelo de relacionamento no grupo, para avaliarem a possibilidade de auto-exposição.

ALEXANDER E FRENCH (1965, p.40) denominam de experiência emocional corretiva aquela que caracteriza o contexto terapêutico, em que o paciente sente-se à vontade para se posicionar e expressar sua agressividade. MORENO (1993, p. 25) chamou de princípio da espontaneidade a produção espontânea e livre dos participantes.

A atitude do diretor de acolhimento e aceitação das pessoas e dos temas trazidos será essencial para o grupo, inclusive neste período que corresponde ao estágio de diferenciação horizontal na organização grupal.

A tendência de diferenciação vertical vai se anunciando com o surgimento dos conflitos e das lutas pelo poder. Aumentam as críticas e insatisfações e evidenciam-se as diferenças individuais, emergindo os líderes. Estas experiências vão alimentando sentimentos variados de hostilidade, assim como de proximidade e aceitação.

Os membros do grupo tendem a atribuir e a aceitar papéis, cristalizando relações papel e contra papel responsáveis pela reprodução no grupo dos padrões de interação que cada um de seus participantes mantém na vida. Com isto, o contexto grupal passa a reproduzir o contexto social.

Muitos dos sentimentos difíceis de serem nomeados pelo grupo se anunciam através de indícios, visto ainda estarem em estado inconsciente. Sentimentos como por exemplo a rivalidade, inveja, questões ligadas a intimidade, sexualidade e a dor por perdas afetivas, como na saída de membros do grupo, tendem a aparecer desta forma.

Quanto mais o grupo se sentir acolhido para expressar as diferenças, maior estará sendo o incentivo para confrontos, compartilhamentos e a expressão livre de sentimentos, favorecendo o acompanhamento da experiência emocional de cada um.

Com o desenvolvimento da tele e das relações com reciprocidade, as forças de coesão grupal vão aumentando. Ela é responsável pela co-criação de um grupo produtivo e valorizado pelos seus membros. Lutam pela sua manutenção, se dispondo a compartilhar

seus sentimentos mais verdadeiros, condição necessária para a diferenciação vertical e conseqüente evolução grupal.

Em relação ao efeito sociodinâmico, os membros que se posicionam nos extremos, ou seja, os que acumulam muitas escolhas e os isolados, precisarão da atenção do diretor para poderem reconhecer este fenômeno e ampliar o conhecimento de si mesmos.

Estes princípios sociométricos são determinantes importantes da estrutura interna do grupo, podendo se tornar importantes recursos para o diretor ativar a evolução grupal, de maneira a promover mudanças terapêuticas em seus participantes.

III. A DIREÇÃO GRUPAL

No início da vida do grupo, a lei sociogenética indica ao diretor a necessidade de favorecer a passagem do estágio de isolamento orgânico para o de diferenciação horizontal, através de atividades grupais que facilitem aos participantes começarem a se colocar e reconhecerem-se no grupo.

A partir do momento em que encontraram uma posição própria no grupo, caberá ao diretor favorecer a diferenciação vertical, para que o grupo evolua para esta estrutura de organização grupal mais avançada.

Quando o foco do diretor se volta para a identificação da estrutura interna do grupo e dos primeiros indícios de conflitos, qualquer um dos métodos sociátricos poderá ser utilizado: a psicoterapia de grupo, o psicodrama ou o sociodrama. (MORENO, 1993)

Caberá ao diretor acompanhar a experiência vivida pelo grupo, captando a realidade humana em seu *status nascendi*, favorecendo a criação da atmosfera de um encontro vivo, numa postura que MORENO denominou de filosofia do momento. (GARRIDO MARTIN, 1984, p. 77-88)

Para apreender o aqui e agora da sessão, o diretor acompanha a forma e o momento em que os conteúdos são expressos, o que esclarece os padrões próprios de interrelacionamento grupal. Trata-se de papéis e contra papéis que tendem a reproduzir na vida do grupo os vínculos conhecidos do contexto familiar e social. Gradualmente deixa de ser necessário o relato das dificuldades de relacionamento do contexto social, visto que elas

vão se revelando ao vivo nas inter-relações grupais, tornando-o, em palavras de MORENO (1993, p.75) uma miniatura da família e da sociedade.

Este material tende a surgir como algo desconhecido pelos participantes do grupo, sendo importante para o diretor apreender o não dito, o revelado no conteúdo narrado ou dramatizado. Esta atitude facilitará ao diretor expandir o reconhecimento da estrutura interna do grupo e dos estados co-conscientes e co-inconscientes pelos indícios trazidos nas inter-relações grupais.

YALOM (1995, p. 136) enfatizou a necessidade da sessão ir além de uma catarse, ou seja, da mera liberação dos afetos. Denominou iluminação do processo a reflexão da experiência vivida, acentuando a necessidade destes dois momentos na sessão de grupo: a vivência do aqui e agora, seguida da construção de um referencial de conhecimento sobre o experimentado. A etapa do compartilhar na sessão psicodramática (MORENO, 1993, p. 109) facilita ao grupo elaborar a experiência vivida, cabendo principalmente ao diretor incentivar esta elaboração.

Com a diferenciação vertical, as tensões tendem a aumentar, cabendo ao diretor favorecer a emergência destes sentimentos para garantir o desenvolvimento da tele e conseqüentemente do nível de coesão grupal, priorizando a evolução do grupo. Isto significa ter a atenção voltada prioritariamente para o grupo

Consideremos, por exemplo, um indivíduo que vem tentando seguidamente monopolizar a atenção do grupo. Atendê-lo seria uma estratégia de direção voltada para o alívio da ansiedade, mas não promoveria mudanças terapêuticas. Numa sessão individual, o diretor poderia focar no modelo de relação que está sendo proposto, visando o reconhecimento do padrão próprio de relacionamento papel e contra papel, auxiliando-o a reconhecer e elaborar, por exemplo, sentimentos de desamparo.

Num grupo terapêutico, outra estratégia possível para o diretor seria não atendê-lo em suas reivindicações de atenção e transferir o foco para o grupo, para que possam, eventualmente, reconhecer sentimentos de impotência com esta situação, revelando o papel cristalizado de monopolizador e os contra papéis dos que abrem espaço a esta inter-relação.

Com este manejo, o diretor favoreceu a criação de um ambiente propício para a identificação de sentimentos como a rivalidade, o desamparo, a impotência, entrando todos

em contato com sua realidade psíquica, indo além de uma simples experiência grupal. O diretor priorizou o grupo, sua manutenção e o desenvolvimento da coesão grupal.

Esta forma de direção foi descrita por KNOBEL (1996, p. 56-9) como centrada na sociometria. O diretor busca reconhecer a estrutura interna do grupo, os papéis e as posições sociométricas, o status sociométrico, os átomos sociais e os critérios pelos quais os participantes se organizam e se comportam no grupo. Nesta forma de direção, o funcionamento do grupo é reconhecido, favorecendo sua evolução. O objetivo desta direção parece-nos ser primeiramente desenvolver a coesão grupal, condição necessária para a mudança terapêutica.

ALVES (1994, p.52-5) identifica na dramatização, em função do aquecimento e das primeiras cenas, um movimento protagônico que vai se deslocando para os personagens que vão surgindo, chamados pré-protagônicos ou protagonistas intermediários, até a identificação do verdadeiro protagonista. Acreditamos que esta forma de direção, centrada no protagonista, pode revelar difíceis experiências emocionais, exigindo do diretor que ele tenha estes conteúdos reconhecidos para si próprio. Quando a vivência emocional lhe é desconfortável, poderá utilizar o manejo dos recursos técnicos para evitar o sofrimento decorrente, dificultando este movimento protagônico.

Outra possibilidade de direção descrita por KNOBEL (1996, p. 56-9) foi a centrada na espontaneidade, cujo objetivo é mobilizar os estados espontâneos através de jogos dramáticos, técnicas como o teatro espontâneo, jornal vivo, *Play Back Theatre* e outras. A dramatização de cenas imaginárias favorece o reconhecimento da fantasia inconsciente grupal, podendo ao final da sessão os participantes relacionarem os personagens vivenciados e a dinâmica do grupo. A mobilização dos estados espontâneos, favorecida por esta forma de direção, parece-nos especialmente útil nos momentos em que a tensão grupal dificulta o surgimento de material em estado inconsciente e o reconhecimento da estrutura interna do grupo. Esta forma de direção favorece uma experiência lúdica para este reconhecimento.

MORENO (1993, p. 26) descreve o diretor de grupo numa posição difícil, com ameaças e agressões contínuas, sendo necessário que ele desenvolva uma personalidade de grupo, acrescentando à sua experiência profissional condições pessoais que lhe permitam o desempenho deste papel.

Acreditamos que o diretor precisará viver um processo terapêutico, incluindo uma vivência em grupo, desenvolvendo condições emocionais, lidando não só com a tensão e agressividade, mas principalmente reconhecendo e acolhendo a dor psíquica.

Suas condições emocionais serão determinantes para a diferenciação entre uma intervenção que apenas alivia o sofrimento e a que desenvolve condições para promover efetivamente mudanças terapêuticas.

O interesse genuíno do diretor pela experiência emocional dos participantes, sua disponibilidade para acompanhar o ritmo do grupo, ativando a evolução grupal quando necessário, são condições essenciais para a mudança terapêutica, o que acontecerá apenas se este diretor puder conter a angústia envolvida na ousadia de se abrir para o desconhecido.

Uma sessão profícua para todos os envolvidos não é necessariamente a que tenha dramatizado a cena esteticamente mais bela e nem a mais emocionante. Será aquela que tenha permitido a todos vivenciarem o acolhimento e a liberdade do contexto grupal, podendo entrar em contato com seus sentimentos mais verdadeiros.

Concluindo, acreditamos que o principal objetivo do diretor é favorecer aos membros do grupo a descoberta da riqueza inerente em vivenciar plenamente o *status nascendi* da experiência grupal, participando com a maior honestidade possível no momento. Desta maneira, os participantes recriarão no grupo seus modelos de relacionamento, confrontando e sendo confrontados com as diferenças individuais, condição necessária para apreenderem a distinção entre sua experiência emocional e a dos outros, sendo cada um deles agente terapêutico dos demais, segundo o princípio da interação terapêutica. (MORENO, 1993, p. 25)

Para favorecer a co-criação destas condições, o diretor necessariamente deverá conhecer suas limitações pessoais, podendo acolher suas características humanas e, desta forma, sentir-se esperançoso com o potencial do ser humano para o desenvolvimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, F. & FRENCH, T. *Terapeutica Psicoanalitica*. 2 ed. Buenos Aires, Paidos, 1965.
- ALVES, L. F. O Protagonista: conceito e articulações na teoria e na prática. *REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA*, v. 2, fasc. 1, p. 49-55, 1994.
- KNOBEL, A. M. Estratégias de Direção Grupal. *REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA*, v. 4, fasc.1, p. 49-62, 1996.
- MARTIN, E.G. J.L. *Moreno: Psicologia do Encontro*. São Paulo, Duas Cidades, 1984.
- MORENO, J.L. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. 2 ed. rev. Campinas/SP, Editorial Psy, 1993.
- _____. *Quem sobreviverá?: Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama*. v.2 Goiânia/GO, Dimensão, 1994.
- YALOM, I.D. *The Theory and Practice of Group Psychotherapy*. 3 ed. New York, Basic Books, 1985.

Heloisa Junqueira Fleury
Rua Sergipe 401 conj. 808
São Paulo, SP, CEP 01243-906
Tel/fax: (11) 256.9928
Email: hjfleury@uol.com.br